

HISTÓRIAS & ESTÓRIAS DO VELHO MONGE

É gratificante escrever sobre os conflitos históricos & lendários de um dos principais rios brasileiros, o maior rio genuinamente nordestino: o **rio Parnaíba**, conhecido como “**VELHO MONGE**”.

Nicolau Resende em 1640 sofreu um naufrágio nas proximidades da foz deste inusitado rio; e através deste contratempo, ficando com sua embarcação encalhada, perdeu toneladas de ouro. O acidente foi próximo à foz do **rio Parnaíba**, que divide os estados do Piauí e Maranhão. Por 16 anos tentou, em vão, resgatar sua preciosa carga. Mas descobriu um tesouro ainda maior: "um grande rio que forma um arquipélago verdejante ao desembocar no atlântico". **Nicolau** havia descoberto o único delta em mar aberto das Américas, o delta do rio Parnaíba. A foz do rio tem a forma de delta (a letra grega, representada por um triângulo), se dividindo em 5 braços.

Nicolau Resende jamais imaginou que num futuro bem próximo este rio teria um papel importante sócio-econômico no desenvolvimento de dois Estados brasileiros, Piauí e Maranhão, isto se justifica pela grande potencialidade de seus recursos naturais, dando condições de sobrevivência a uma grande população ribeirinha, propiciando muitas aptidões para o desenvolvimento de inúmeras atividades, tais como: pesqueiras e agropastoris, de

navegabilidade, de energia elétrica, de abastecimento urbano, de lazer dentre outras. Percorrendo três cursos, sendo do alto Parnaíba das nascentes até a barragem de Boa Esperança; o médio Parnaíba da barragem até a foz do rio Poti em Teresina; e o baixo Parnaíba da foz até o **Oceano Atlântico**. Antes do seu nome atual, possuiu muitos outros, porém, o nome **Parnaíba** se deve ao bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, nome dado em recordação de sua terra natal, a vila de Santana de Parnaíba, situada nas margens do rio Tietê em São Paulo. O **rio Parnaíba** nasce nas ramificações mais altas da montanha da Chapada das Mangabeiras, na serra do Jalapão, que atualmente é preservada pelo Parque Nacional das Nascentes do **rio Parnaíba**. Em 1718, com a formação do território piauiense, o rio Parnaíba serviu como divisão geográfica com o vizinho mais próximo, o estado do Maranhão. O rio Parnaíba, com toda sua peculiaridade paisagística, após percorrer seus 1485 quilômetros separando os Estados do Piauí e do Maranhão, deságua no **oceano Atlântico**. Afirmo com segurança que o rio Parnaíba é mundo de águas visíveis, expostas ao céu e aos olhares poéticos que nos inspira a deslizar em sua história. Teresina foi projetada e construída às margens deste inusitado rio em função da importância

estratégica de sua navegabilidade, visando alcançar o crescimento do Piauí e impedir a influência que o Maranhão começava a exercer sobre o interior piauiense. Mesmo sendo uma divisa natural dos dois Estados, é um fato reconhecido que sua importância histórica, econômica e cultural é bem maior para o Piauí que para o Maranhão, a ponto de ser aclamado no próprio Hino do estado do Piauí.

O **rio Parnaíba** em todo o seu curso inspira estudiosos, viajantes, poetas, romancistas a descrever sua paisagem, suas águas, seus encantos. Na altura do município de Guadalupe, cidade turística, bastante freqüentada devido ao grande número de hotéis e balneários existentes, está o Médio Parnaíba, formando a barragem de Boa Esperança, que funciona a Usina Hidrelétrica de Boa Esperança, ordenada pelo então Presidente da República: **Castello Branco**, (1964) geradora de energia e integrante do sistema CHESF. O mais importante do Nordeste Ocidental represa cinco bilhões de metros cúbicos de água do rio Parnaíba. O açude vem prestando grandes benefícios à população, tais como: criação de peixes; regulamentação do curso do rio, o que evitará grandes cheias. A Usina forma um grande lago artificial, atingindo um alto volume de água até a cidade de Porto Alegre do Piauí. No Maranhão, a única

cidade situada às margens do rio Parnaíba e que é banhada pelo lago é Nova Iorque. Com a construção do lago artificial que impulsiona a **Usina Hidrelétrica de Boa Esperança o rio Parnaíba** reduziu o seu volume de água, levando ao assoreamento, conseqüente perda de sua navegabilidade e o desaparecimento de espécies animais antes comuns na região.

Além de dunas, praias, rios e igarapés, o **Delta do rio Parnaíba** é formado por extensas florestas de manguezais. O mangue é um dos ecossistemas mais ricos e vitais para o equilíbrio ambiental da zona costeira, onde a vida marinha se alimenta e se reproduz.

Os manguezais são considerados uma espécie de "maternidade do mar". É neste ambiente povoado por plantas exóticas e animais curiosos, onde camarões, caranguejos, mariscos e muitas espécies de aves e peixes encontram alimento em abundância e abrigo seguro para se reproduzir. Os manguezais também são muito úteis para o homem. É uma importante fonte de recursos alimentares e econômicos. São utilizados como fonte de extrativismo vegetal através do aproveitamento madeireiro das espécies e a extração do tanino, substância usada na curtição de couros, peles e na pintura das velas das embarcações. A explicação para a alta produtividade dos manguezais é simples: a grande quantidade de matéria orgânica

que chega à baías e enseadas através das desembocaduras de rios pelas marés.

Sinto saudades da minha terra! E falando deste rio, revivo minha infância, vivi parte dela morando as margens deste rio na cidade de **Timon no Maranhão**.

O Rio Parnaíba, é o meu Ganges, o meu Nilo, meu Sena, é meu tudo. Um dos privilégios que tive na minha infância era abrir a porta e a janela de minha casa e estar com este rio aos meus pés. Ele faz parte da minha história, afirmo, com humor que, às vezes, chego a ter um sentimento patrimonialista em relação a ele.

Cresci neste ambiente, neste espaço da natureza, onde atravessava o rio de canoa, respirando ar puro e lavando minha alma com a beleza das águas calmas cristalinas, ora verdes, ora azuis, ouvindo o som dos pássaros que faziam deste pedacinho do céu seu habitat. Foi um tempo inesquecível, correndo inocentemente no vale arenoso, construindo meus castelos de areia, em uma cidadezinha pequena próxima do rio, fui criada pelos meus avós e vivemos durante muitos anos fazendo parte da população ribeirinha, sofrendo com as enchentes. Neste período o rio transbordava, invadindo nossas casas. Meu avô juntamente com outros moradores percorriam a cidade a procura de casas para alugar, em lugar alto e seguro e quando conseguiam encontrar todos mudavam, era muito sofrimento nesta estação do ano, mas, tão logo, entrava em outra estação as

águas baixavam, começava a estiagem e logo estávamos de volta às nossas casas para restaurar os estragos causados pelas chuvas e voltarmos as nossas vidas de antes. Vale ressaltar que, as nossas condições financeiras eram precárias, completamente desprovida de recursos e diante destas circunstâncias não poderíamos ficar muito tempo morando de aluguel. Só quem mora ou já morou às margens de um rio, pode falar com segurança dos problemas existentes nesta situação. Sem infra-estrutura, sem rede de esgoto, vulnerável às epidemias. Sem água tratada; sem luz elétrica, tínhamos somente a luz de uma lamparina, - para quem não conhece lamparina é feita de lata - confecciona-se um pavio feito de trança de barbante, coloca-se dentro da lata com querosene e ascende-se o pavio, que durante muitas noites serve para iluminar; geladeira, neste tempo, era objeto de luxo e só quem possuía era a burguesia considerada classe alta; televisão nem existia nesta época. O rádio era o único meio de comunicação. Quando marcava no relógio: “dezoito e trinta horas”, os vizinhos se aproximavam de nossa casa para assistir a “**Hora do Brasil**”. Meu avô era o único que tinha rádio na redondeza. O rádio era movido a pilha, que durava no máximo uma semana. De vez em quando era necessário dar umas pancadas no rádio para que ele voltasse a sintonizar e dar continuidade ao programa. A população ribeirinha quase toda ficava na nossa porta; era muito divertido. Quando terminava o programa, meu avô acendia uma fogueira;

pegava sua violinha e se reunia com os pescadores formando uma grande roda, uns sentados em tamboretas, outros sentados na areia, todos juntos para cantar e contar anedotas. Meu avô era fã incondicional de Luiz Gonzaga, decorava e cantava quase todas as suas músicas, tais como: Asa Branca, A Canção do Carteira, A Carta, A Cheia de 24, A Feira de Caruaru, Minha Fulô, Canto do Sabiá, Danado de Bom e muitas outras. Lembro-me muito bem de sua voz, as vezes desafinada, mas tudo era motivo de alegria e diversão. Os pescadores contavam suas lendas, fantasiando e atraindo a imaginação de quem as ouvissem. As lendas eram contadas de várias formas e possuíam várias versões, e a cada pessoa que a estória era passada, novos fatores eram transmitidos e acabavam por afastar da realidade a veracidade da lenda.

E eu ficava boquiaberta ouvindo aquelas estórias freqüentemente mirabolantes e inverossímeis. Em outros momentos eu permanecia inerte durante hora olhando, contemplando o céu estrelado, esperando sempre uma estrela cadente para direcionar um pedido. Meus pedidos eram tão inocentes que a minha fé dias após, me convencia de ter sido agraciada pela graça.

Quanto as lendas, eram diversificadas no imaginário, muitas eram cômicas, divertidas, outras sinistras, macabras, assustadoras, quando chegava a hora de me recolher aos meus aposentos, me embrulhava da cabeça aos pés e ainda me enrolava com as varandas

da rede, ficava parecendo uma múmia, com medo, lembrando das estórias que ouvira.

Lembro-me da lenda do **Cabeça de Cuia**, a mais contada pela comunidade ribeirinha. Vale ressaltar que foi criado o Portal Cabeça de Cuia e após grande pesquisa, traz o relato mais próximo de que esta lenda teria sido a maior das lendas do Piauí.

Um dos melhores amigos do meu avô: o Sr. **Gonçalo**, contava esta lenda na íntegra, quanto mais ele contava mais parecia que era a primeira vez que estava contando. Foi mais trágica do que cômica a estória de **Crispim**:

Crispim era um jovem rapaz, originário de uma família muito humilde, que vivia na pequena Vila do Poti (hoje, Poti Velho, bairro da zona norte de Teresina). Seu pai, que era pescador, morreu muito cedo, deixando o pequeno **Crispim** e sua velha mãe, uma senhora doente, sem nenhuma fonte de sustento. Sendo assim, **Crispim** teve que começar a trabalhar ainda jovem, também como pescador.

Um dia, **Crispim** foi a uma de suas pescarias no rio Parnaíba, mas, por azar, não conseguiu pescar absolutamente nada. De volta à sua casa, descobriu que sua mãe havia feito para o seu almoço apenas uma comida rala, acompanhado de um suporte de boi (osso da canela do boi). Como **Crispim** jazia de fome e raiva, devido à pescaria fracassada, enfureceu-se com a miséria daquela comida e decidiu vingar-se da mãe por estarem naquela situação. Então, em um ato

rápido e violento, o jovem golpeou a cabeça da mãe, a deixando a beira da morte. Dizem, até mesmo, que de onde deveria sair o tutano do osso do boi, escorria apenas o sangue da mãe de **Crispim**. Porém, a velha senhora, antes de falecer, rogou uma maldição contra seu filho, que lhe foi atendida. A maldição rezava que **Crispim** transformasse-se em um monstro aquático, com a cabeça enorme no formato de uma cuia, que vagaria dia e noite e só se libertaria da maldição após devorar sete virgens, de nome Maria.

Com a maldição, **Crispim** enlouquecera, numa mistura de medo e ódio, e correu ao rio Parnaíba, onde se afogou. Seu corpo nunca foi encontrado e, até hoje, as pessoas mais antigas proíbem suas filhas virgens de nome Maria de lavarem roupa ou se banharem nas épocas de cheia do rio. Alguns moradores da região afirmam que o Cabeça de Cuia, além de procurar as virgens, assassina os banhistas do rio e tenta virar embarcações que passam pelo rio.

Outros também afirmam que **Crispim** ou, o **Cabeça de Cuia**, procura as mulheres por achar que elas, na verdade, são sua mãe, que veio ao rio Parnaíba para lhe perdoar. Mas, ao se aproximar, e se deparar com outra mulher, ele se irrita novamente e acaba por matar as mulheres. O **Cabeça de Cuia**, até hoje, não conseguiu devorar nem uma virgem de nome Maria.

Em 2003, foi instituído pela Prefeitura Municipal de Teresina, o Dia

do Cabeça de Cuia, para ser comemorado na última sexta-feira do mês de abril.

Voltando às lendas, logo ficamos arrepiados com o que dizia as crendices populares. Existem muito mais coisas entre o céu e as margens do rio Parnaíba do que supõe a nossa vã filosofia. Uma moradora ribeirinha contava que em alta madrugada em noite de lua cheia, ouvia-se os latidos forte dos cachorros. São gritos de porca e latido de cachorros. Em alta madrugada não tínhamos coragem de abrir a porta, pois sabendo da historia da **porca do dente de ouro** nem nos atrevíamos a ficar com seu dente para enriquecer-nos mais rápido, pois o ouro sendo valioso, tornaria mais fácil matar a porca e ficar rico, mas qual é o segredo? Quem matar a porca fica com seu ouro, mas pode transformar-se em uma porca ainda maior, pois a lenda conta que uma linda jovem bateu em sua dedicada mãe, em um ataque histérico dando-lhe inclusive uma mordida no seio. A mãe sendo espancada pela filha desejou que a filha se tornasse a maior porca do mundo e não tivesse sossego na vida e que vivesse atormentando os outros ate aparecer alguém que lhe arrancasse sua enorme presa de ouro.

E uma porca velha e muito grande, com suas tetas arrastando no chão de tão grandes, costuma passar correndo pelas margens do rio Parnaíba, fuçando e grunhindo. Do focinho sai-lhe um enorme **DENTE DE OURO**. Em uma noite, só era capaz de aterrorizar os

moradores ribeirinhos. Ninguém conseguia ver direito a imensa e horrível porca, uma assombração, uma pintura. Ninguém tinha coragem de sair na porta da casa em noites de lua cheia, nem o mais corajoso se atreveria a abrir pelo menos a janela da sua casa.

Logo após ouvirmos estas lendas, ficávamos fantasiando, imaginando como seria o Cabeça de Cuia a Porca do dente de ouro e outros personagens sinistros, misteriosos que transportavam nossa imaginação para além do infinito. Mas, logo surgia outro morador com uma estória ainda mais mirabolante e assim, a noite era uma criança; quando menos esperávamos, minha avó aparecia na porta da casa nos intimando a dormir.

A estória que mais ficou na minha memória foi a do **VAREIRO DO PARNAÍBA, Vareiro ou "o Porco d'água"**, o qual os moradores diziam que era uma figura típica do rio Parnaíba, que durante muitos anos, se destacou, antes da navegação a vapor; teve ele mesmo que gerar a força motriz necessária para acionar as primeiras embarcações, até além, do Curso Médio do rio Parnaíba, com o uso da vara de quatro braças, de cabo de espiada de
manilha.

Quando nos dias de folga, o **vareiro típico** gostava de vestir: calça de mescla ou riscado grosso, com camisa de listinhas azul e branca, exibindo musculatura de homem do sol, com talinge nos braços, chapéu branco de abas curtas, viradas para cima e tamancos

pesados, com rosto de sola ou pele de bode curtida e o cinto de sola grossa, com fivela de latão, era indispensável; não esquecia a faca marinheira, embainhada, e cujo cabo destacava-se uma estrela de cinco pontas, para combater "mandingas". Sua arma era um "cacete de jucá", que sempre ficava na embarcação e, só era usada quando ameaçados. Eles faziam a alegria da rua dos Barqueiros. Com o desenvolvimento, a navegação a vapor, vem substituindo os pequenos barcos e canoas, pouco a pouco, esta figura típica desapareceu, existindo ainda, apenas, em determinados trechos do rio, onde há carência de transporte.

Outra muito sinistra era a da índia que foi engravidada por uma cobra grande, também chamada de boiúna, deu a luz dois bebês encantados, que não tinham forma humana. A conselho do velho pajé, atirou-os no rio Parnaíba.

Eram Cobra Norato (ou Honorato) e Maria caninana. Esta era má, virava embarcações, matava naufragos e animais. Norato era bondoso e sempre procurava interceptar as maldades da irmã.

Certa feita, num duelo para salvar uma vítima da Maria Caninana, acabou matando-a. Assim, graças a sua bondade, Norato adquiriu o dom de poder desencantar-se durante à noite, tornando-se homem bonito, simpático e elegante. Nas ocasiões de festa nos povoados ribeirinhos, Norato deixava seu couro de serpente e ia

bailar com as moças. Ao amanhecer, porém, retomava a forma de serpente.

Para quebrar definitivamente o encanto era preciso que se dessem pancadas com ferro virgem na cabeça da cobra, derramando, após, na boca, três gotas de leite materno. Mas, ao ver a cobra, todos perdiam a coragem, até que um soldado impávido, com quem Norato fizera amizade, conseguiu quebrar esse encanto, libertando o amigo. Os segredos da alma humana, os sentimentos, medos, desejos, paixões, raivas, a luta contra selvagens, instintos (o lobisomem que habita o homem), enfim, tudo o que se encontra no interior da alma humana, e que a razão não é capaz de explicar, exterioriza-se e reflete-se nos mitos e lendas.

Por fim, com seus altos e baixos, alegrias e incertezas, vale ressaltar que, vivi momentos inesquecíveis fazendo parte da comunidade ribeirinha deste conceituado rio. O destino me presenteou mais uma vez generosamente, quando me deu oportunidade de fazer parte do quadro de funcionários da CODEVASF, que por força da Lei N° 9.954, de 6 de janeiro de 2000, teve sua área de atuação ampliada para a bacia do rio Parnaíba. Visando à geração de emprego e renda, à redução dos fluxos migratórios e dos efeitos econômicos e sociais decorrentes de secas e inundações e, ainda, à preservação dos recursos naturais das bacias hidrográficas, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida

dos habitantes das regiões dos Vales dos rios São Francisco e Parnaíba.

Hoje não tem como falar dos Vales desses rios e não citar a **CODEVASF**, que eu considero “**mãe adotiva**”, a empresa que levou esperança e qualidade de vida ao pequeno agricultor, às comunidades ribeirinhas, em fim, ao semi-árido Nordeste, com seus projetos e ações inteligentes. **Glória a Deus!**

**II CONCURSOLITERÁRIO
DA ASSOCIAÇÃO DE APOSENTADOS
E PENSIONISTAS DA CODEVASF
“VIDA NOVA”**

**HISTÓRIAS & ESTÓRIAS DO
VELHO MONGE**